



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CCHA – CAMPUS IV – DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**DÔRA LIMEIRA: Abandono e Masoquismo em busca da
Ressignificação da Dor**

MARIA KAROLINY LIMA DE OLIVEIRA

Catolé do Rocha – PB

2014

MARIA KAROLINY LIMA DE OLIVEIRA

**DÔRA LIMEIRA: Abandono e Masoquismo em busca da
Resignificação da Dor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora:
Profa. M.Sc Flávia Márcia de Sousa

Catolé do Rocha – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48d Oliveira, Maria Karoliny Lima de.
Dôra Limeira [manuscrito] : abandono e masoquismo em busca da ressignificação da dor / Maria Karoliny Lima de Oliveira. - 2014.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Flávia Márcia de Sousa, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Dôra Limeira. 2. Elísia. 3. Feminino. 4. Sexualidade. I.
Título.

21. ed. CDD 155.633

MARIA KAROLINY LIMA DE OLIVEIRA

DÔRA LIMEIRA: Abandono e Masoquismo em busca da
Resignificação da Dor

Aprovado em 23 de Julho de 2014

Banca examinadora

Flávia Márcia de Sousa

Prof. M.Sc Flávia Márcia de Sousa – UEPB/CAMPUS IV
Orientadora

Marta Lúcia Nunes

Prof. M.Sc Marta Lúcia Nunes – UEPB/CAMPUS IV
Examinadora

Rômulo César Araújo Lima

Prof. M.Sc Rômulo César Araújo Lima – UEPB/ CAMPUS IV
Examinador

Dedico esse trabalho à minha mãe por todo amor e dedicação, pois sem sua força e educação não seria possível a concretização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as graças, sabedoria e discernimento a mim depositados durante o curso.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que me proporcionou uma experiência maravilhosa de iniciação à docência através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) onde pude alimentar ainda mais a paixão pelo ato de ensinar.

À minha inteligente e dedicada orientadora **Flávia de Sousa**, pela paciência que teve comigo e com minhas viagens psicológicas durante a construção deste trabalho. Como também não poderia deixar de agradecer aos meus grandes mestres, que tive o privilégio de conhecer durante o curso, que tiveram grande contribuição para minha formação como futura docente, além de acrescentar de forma positiva a minha capacidade de entender e refletir sobre o mundo.

Agradeço pela família amorosa e abençoada que recebi como presente de Deus. Pelo apoio, força e palavras de conforto. Por todo amor recebido desde que nasci. Agradeço mais que tudo a minha mãe, **Fátima Lima**, pelo grande e maravilhoso exemplo de mulher que ela é para mim. Por não medir esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Às minhas irmãs, **Sheyla Oliveira** e **Shirley Maclaine**, pelos momentos de descontração que passamos juntas, pelo carinho e palavras de esperança que me disseram quando pensava em desistir, por terem me apoiado durante todo o meu crescimento, pelas gargalhadas em meio ao tédio numa tarde de domingo qualquer. Pelas broncas e puxões de orelha quando necessário, mas acima de tudo pelo laço de amor que existe entre nós.

Aos meus amigos e colegas, não só da turma 2011.1 como também das outras turmas, pela capacidade de me fazerem sorrir e por me transmitirem paz durante toda a correria e estresse de um semestre ruim. Em especial a **Samara Sales**(a irmã torta, que Deus me permitiu escolher), **Shirley Maclaine** (que além de irmã, é minha melhor amiga) e **João Victor Farias** a vocês, meus anjos, não existem nem palavras para descrever o tamanho do carinho, amor e consideração que tenho por cada um de vocês. Não sei o que seriam dos meus momentos de melancolia, das minhas esperanças no futuro, das minhas manhãs, das viagens, sem vocês. Enfim, muito obrigada por essa amizade.

Aos meus amigos fora do ambiente acadêmico, a vocês, em especial: **Ana Luíza, Frankly Eudes, Lucas Vittor, Tiago Medeiros, Talyta Maria e Valéria Fernandes**. Que mesmo distante nunca deixaram de me apoiar com uma palavra amiga, carregada de amor e esperança, com uma ligação ou até uma chamada nas redes sociais, sempre me incentivando a persistir nos meus sonhos. Eu amo vocês.

Enfim, fica aqui o meu “muito obrigada” por tudo. Saibam que não importa quantos anos nós passemos sem encontrar-nos, nunca esquecerei tudo o que vocês fizeram por mim e o quanto contribuíram na minha formação para a vida.

A felicidade é um problema individual. Aqui, nenhum conselho é válido. Cada um deve procurar, por si, tornar-se feliz. Sigmund Freud

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo analisar, através de uma pesquisa bibliográfica, a personagem Elísia do livro da escritora paraibana Dôra Limeira, *Arquitetura de um abandono* (2003). O conto será analisado a partir dos pressupostos teóricos de Sigmund Freud em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (volumes VII, XIII, XVIII e XIX), tendo como auxílio algumas considerações do filósofo Michel Foucault em *História da Sexualidade* (1988). Também serão utilizados os conceitos de Alfredo Bosi, presentes em sua obra *O Conto Brasileiro Contemporâneo* (1997), na qual o autor fala acerca do gênero literário e das transformações que o mesmo tem sofrido na contemporaneidade. A análise do sujeito feminino será feita sob a abordagem de Antonio de Pádua Dias da Silva no livro *Mulheres representadas na Literatura de Autoria Feminina: Vozes de Permanência e Poética da Agressão* (2010), no qual o escritor retrata os obstáculos que as mulheres ainda se deparam nos dias atuais, aspecto que se reflete também na própria produção literária feminina. Partindo desse pressuposto, serão abordados durante esse trabalho os escritos de Dôra Limeira, analisando de que forma esses obstáculos são abordados em seus textos, levando em consideração os conflitos e as lutas de Elísia, que em meio às inadequações da vida se entrega ao abandono de si mesma. A menina sentia-se permanentemente apartada do mundo real. Em um mundo totalmente “cego”, encontrava-se sozinha, enquanto mulher, gorda e abandonada.

PALAVRAS-CHAVE: Dôra Limeira. Elísia. Feminino. Sexualidade.

ABSTRACT

This article aims to analyze, through a literature search, the character Elísia book writer paraibana Dôra Limeira, in *Arquitetura de um Abandono* (2003). The tale will be analyzed based on the theoretical assumptions of Sigmund Freud in *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (volume VII, XIII, XVIII and XIX), with the aid of some considerations philosopher Michel Foucault (1988) *História da Sexualidade*. Will also be used concepts Alfredo Bosi, present in his work *O Conto Brasileiro Contemporâneo* (1997), in which the author talks about the literary genre and the transformations it has undergone in contemporary times. A analysis of the female subject will be taken under the approach Antonio de Padua Dias da Silva in *Mulheres representadas na Literatura de Autoria Feminina: Vozes de Permanência e Poética da Agressão* (2010), in which the writer portrays the obstacles women still face today, aspect that is reflected also female literary production itself. Based on this assumption will be addressed during this work the writings of Dôra Limeira, analyzing how these obstacles are addressed in their texts, taking into account the conflicts and struggles of Elísia, who amid the inadequacies of life surrenders to the abandonment of itself. The girl felt permanently separated from the real world. In a world totally "blind"-found herself as a woman fat and abandoned.

KEYWORDS: Dôra Limeira. Elisia. Female. Sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DÔRA LIMEIRA: A nudez dos disfarces humanos.....	13
2 MASOQUISMO: Uma válvula de escape da solidão	15
3 ELÍSIA: Abandono, sexualidade e solidão	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXO.....	27

INTRODUÇÃO

O intuito do presente trabalho é de desenvolver estudos sobre literatura e cultura por meio dos temas presentes na obra de contos da autora paraibana Dôra Limeira que refletem a sociedade contemporânea. O conto brasileiro contemporâneo tem sofrido mudanças, pois se afastou de suas ideias iniciais, deixando de adotar um caminho arcaico e tradicionalista. É isso, aliás, que conta o crítico historiador Alfredo Bosi(1997), para o ele, o gênero conto passava a apresentar elementos mais realistas:

O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase drama da vida urbana, ora o quase drama do cotidiano burguês, ora o quase poema do imaginário às soltas, ora enfim, grafia brilhante e preciosa votada às festas da linguagem. (p. 07)

Nessa perspectiva, busca-se analisar um conto contemporâneo, valorizando esse gênero na literatura brasileira através do conto “Arquitetura de um abandono”, que se apresenta como uma narrativa breve, mas que consegue prender a alma e atenção do leitor, pois como relata Bosi (1997) aborda justamente da questão da vida, do cotidiano dos indivíduos de uma forma mais realista. É exatamente o que faz a autora paraibana em seus textos.

Dôra Limeira sabe descrever bem em seus contos o subúrbio paraibano, criando personagens que representam vários tipos sociais a partir da sua marca registrada, que é a oralidade. Mesmo com toda a dificuldade de ser conhecida socialmente como escritora, Dôra apresenta textos cultural e literalmente ricos, onde retrata questões de denúncias sociais e o cotidiano das pessoas, daí a importância de ler, estudar e analisar os contos dessa autora, valorizando então a literatura paraibana.

Assim, este trabalho se desenvolverá através de uma análise acerca da personagem feminina Elísia, publicado no ano de 2003, como também, de outras personagens presentes na obra.

De acordo com os aportes teóricos vistos em *Mulheres representadas na literatura de autoria feminina (2010)*, percebe-se que a mulher é tida apenas como

objeto representado e não como um sujeito autoral capaz de produzir representações culturais, de forma a colaborar com o projeto de construção da identidade nacional. Assim, pode-se mapear e identificar as rupturas estabelecidas nas representações canônicas, a partir dos escritos de autoria feminina. Silva (2010) retrata que:

O que percebemos neste cânone – e falamos especificamente do brasileiro, uma vez que trabalhamos com autorias brasileiras – é a manutenção de nomes de escritores e textos que são perpetuados ao longo dos séculos, ali inclusos e interpretados como clássicos, sem a menor discussão em torno de textos de autoria feminina. Isso nos faz pensar que subjaz a este discurso uma desconsideração pelo texto de escritoras, pois quando há menção a elas, nessa população fica limitada a uma dezena de nomes, no mais das vezes, para não sairmos da perspectiva otimista. (p. 24)

Ao negar o estatuto de autoria às mulheres desde o século XIX, realiza-se um duplo movimento de exclusão e silenciamento. À mulher sempre foi negado o espaço de produtora de capital simbólico, ou seja, as mulheres estavam submetidas a processos análogos de dominação, como o patriarcalismo. Sendo assim, o foco de interesse é dar visibilidade à obra dessa escritora que é praticamente esquecida e por muitos até desconhecida. Na escrita de *Dôra* são representadas mulheres que, em meio a suas crises e insatisfações com o mundo, sentem dificuldade para falar sobre suas angústias, como no caso da própria Elísia.

A escolha da personagem Elísia como objeto de estudo ocorreu a partir do enredo instigante e particular que *Dôra Limeira* desenvolve para esta jovem, de modo que é possível distingui-la das demais personagens presentes na obra. A análise, por conseguinte, se acercará do conceito da construção da identidade feminina a partir dos conflitos de Elísia, bem como, do conflito entre o “eu” e o mundo, que ocorre quando a personagem, ao se perceber sozinha, se sente culpada e procura atrair atenção para si através de atos masoquistas, a fim de encontrar o seu lugar no mundo, à medida que busca ressignificar a sua dor.

Este trabalho estrutura-se, inicialmente, apresentando a autora do livro e os traços marcantes da sua literatura; seguindo esta linha, abordará a temática do prazer agressivo do masoquismo, como ocorreu esse desenvolvimento na personagem e quais as consequências que isso pode trazer para a mesma, à medida que buscará interpretar, analisar e relacionar os dados observados no

corpus com a teoria psicanalítica freudiana, como também com os estudos foucaultianos sobre a história da sexualidade.

1 DÔRA LIMEIRA: A NUDEZ DOS DISFARCES HUMANOS

Escritora paraibana, professora aposentada da Universidade Federal da Paraíba(UFPB), Maria das Dores Limeira Ferreira dos Santos, cognominada Dôra Limeira, inicia sua carreira como escritora em 2003. Já contando com 75(setenta e cinco) anos de idade é autora de 5 (cinco) livros de contos: *Arquitetura de um abandono* (2003), *Preces e orgasmos dos desvalidos*(2005), *O Beijo de Deus* (2007), *Os Gemidos da Rua* (2009) e *Cancioneiro dos Loucos* (2013), sendo que boa parte de seus contos foram frutos do Clube do Conto¹. As obras de Dôra, embora não sejam reconhecidas e nem tenham destaque no Brasil, no mundo nem no próprio estado, apresentam traços muito relevantes, como por exemplo, a representação da mulher no meio literário, refletindo acerca do papel da mulher na sociedade. A paraibana traz em seus escritos, através das suas personagens, a realidade, as angústias e as frustrações vividas pelos indivíduos em seu cotidiano. Como retrata Silva (2010), ao falar sobre a escrita de Dôra Limeira:

Falo de uma linguagem que carrega em sua sintaxe, em suas construções, a marca da oralidade, a marca da fala das pessoas do dia a dia. O cotidiano das pessoas comuns parece estar sendo literalmente transposto para as páginas da ficção desta escritora que, sem nenhum “grande” recurso lingüístico, consegue transformar matéria ordinária em literatura. (p. 75)

O que se percebe é que Dôra, através da uma linguagem trabalhada na oralidade, fala sobre pessoas e fatos comuns, personagens socialmente abandonadas, carentes, sofridas e cheias de desejos. O livro abordado reúne ao total de 27(vinte e sete) escritos. Um desses escritos é o conto “Arquitetura de um abandono”, que dá nome à obra homônima, valendo ressaltar que outros oito contos da referida obra também serão citados.

¹O Clube do Conto, aqui citado, refere-se ao local onde Dôra Limeira se reúne aos sábados na cidade de João Pessoa – PB para conversar e criar com outros amigos escritores.

Silva (2010) lança um olhar sobre a produção de Dôra Limeira e abre um ponto de discussão sobre uma das marcas registradas da autora que é a oralidade. Dôra, em seus escritos, mostra traços de uma sociedade brasileira através de seus personagens reais e ficcionais. A maneira de narrar seus escritos é marcada, feita de forma rápida e pode-se perceber isso no ato da leitura de seus textos.

No decorrer do livro, a autora traça diversos perfis de mulheres e também de homens, como se pode perceber nos textos “Crônicas de uma vendedora da Avon” e “Sem nada, é a lei”. No primeiro, Dôra fala de um homem viciado na bebida, desempregado, mas em contraste, traz a figura de um “futuro marido” idealizado pela personagem principal para fugir do sofrimento em que vive. Este, diferente do primeiro marido, é companheiro e a faz feliz, não bebe e é um marido de Deus. No segundo texto “Sem nada, é a lei”, apresenta-se o personagem do guarda noturno que, dentro de um ônibus, na volta para casa, impõe sua virilidade sobre a personagem feminina no conto (Letícia), demonstrando a imposição masculina sobre a moça, que se mostra uma mulher frágil, submissa com relação à imposição sexual masculina em vários contextos sociais.

Bosi (1997) mostra o contista como reprodutor de situações singulares que ocorrem nas ruas e que para alguns não apresentam nenhum significado, mas que a partir do momento que essas situações são vistas por eles se tornam momentos cheios de significados: “Inventar, de novo: descobrir o que os outros não souberam ver com tanta clareza, não souberam sentir com tanta força.” (p. 09). A escrita de Dôra Limeira remete a um mundo que se torna despercebido aos olhos humanos durante o dia a dia, mas quando esse mundo é representado em suas obras fica difícil fechar os olhos para tais situações. A autora vai ao encontro desses corpos emostrar da forma mais clara e cruel possível a realidade em que os donos desses corpos vivem esse sofrimento diariamente.

Em seus escritos, Dôra contempla os mais esquecidos e abandonados da literatura, dizendo que: “Personagem calado não existe. Na minha literatura, todos os personagens têm voz: do gay à menina gorda²”.

Neste sentido, este artigo aborda os textos produzidos por essa autora que apresenta uma literatura de uma maneira particular. Representando em suas obras mulheres que, cansadas da ordem que lhes é imposta, tentam se libertar das

² Disponível em: <<http://www.fofoki.com/noticias/frinchas-literatura>> Acesso em 17 de maio de 2014.

correntes da opressão sobre o sexo e o silêncio estabelecido. Dôra, como também tantas outras escritoras, não faz parte do cânone literário e nem está presente no meio acadêmico, mas é dona de uma escrita surpreendente, carregada de lirismo, como se pode observar no primeiro conto da obra “Vício”. Durante toda a obra percebem-se traços da vida da própria autora, como por exemplo, no segundo conto do livro “Cartas para Aruanda” onde, e ela relata sobre a morte de seu filho.

2 MASOQUISMO: Uma válvula de escape da solidão

O conto abordado retrata a questão de um dos prazeres agressivos, o masoquismo. Esse prazer, muitas vezes, ocorre inicialmente na infância quando a criança passa a sofrer certas agressões (físicas ou emocionais) e transforma o próprio indivíduo no causador da dor, para de alguma forma compensar o seu sofrimento:

A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo. (FREUD, 1917, p. 04)

O masoquismo pode ser definido, então, como o prazer de sentir dor, o sujeito masoquista é aquele que tem uma tendência a “gostar” de sofrer, ao passo que sente o desejo de dominação do seu próprio eu. A personagem feminina, do conto “Arquitetura de um abandono”, apresenta-se como um sujeito ficcional negativo durante todo o conto. Não percebida pela família, acostumou-se à solidão e desatenção de todos. A autora fala, de maneira naturalista, sobre comportamentos da personagem e sua forma física:

Engordara muito. O corpo fazia dobras. Divertia-se com feridas, descascando suas crostas, fazendo outras feridas, que por sua vez criavam outras crostas. Ela cultivava esse ciclo. E criava outros ciclos com que brincar. [...] Viciara-se ao abandono dentro de si. (LIMEIRA, 2003, p. 21).

Logo, é possível perceber que a personagem demonstra ser um sujeito bastante perturbado emocionalmente: o hábito de descascar as crostas das feridas leva o leitor a pensar numa atitude masoquista. Elísia parece ser indiferente à dor que transpassa o real, a dor é sentida e até prazerosa. Normalmente, funciona como uma tentativa desesperada de “tomar as rédeas” de sua própria dor e enxergar o prazer no desprazer em busca da sobrevivência. Sentir prazer para ela era uma forma de sentir-se viva, mesmo que este sentimento se orientasse pelo caminho da dor.

A ligação do masoquismo com essa relação de prazer e desprazer que exerce a personagem limeiriana, apresentando-se como um sujeito que ao se ver abandonado procura preencher esse espaço causado pela carência com o gozo, com atos de pancadaria, de violência contra o seu próprio *eu*, obtendo dessa forma uma satisfação propriamente masoquista. No que se refere ao gozo, Vidal (2012) faz uma distinção entre sadismo e o masoquismo:

O sadismo é originário em seu endereçamento ao Outro, mas não integra nenhuma finalidade de causar dor, nem mesmo de gozar com o sofrimento. Só o masoquismo introduz essa dimensão de satisfação, ou seja, um valor de gozo para o sujeito. Ele será nomeado gozo somente quando a dor tenha sido experimentada pelo próprio sujeito, evocando um estímulo sexual concomitante. (p. 136)

Aqui o autor deixa claro essa distinção que existe entre esses prazeres agressivos, logo, é notório que a personagem utiliza a prática masoquista como uma forma diferenciada de prazer e vê nela um meio pelo qual pretende atrair, de certa forma, a atenção das figuras de afeto, visto que a mesma era desprovida de tal relação:

A menina sedenta de amor, que a contragosto partilha com seus irmãos a afeição dos pais, percebe que toda esta volta a afluir-lhe quando seu adoecimento desperta a preocupação deles. Agora ela conhece um meio de atrair o amor dos pais, e se valerá dele tão logo disponha do material psíquico para produzir uma doença. (FREUD, 1901, p. 29-30)

Partindo desse pressuposto, a personagem vê que o seu corpo e a dor se tornam as suas únicas armas para firmar-se no mundo. Têm-se então o processo da somatização. Volpi (2004) relata que “[...] o corpo sente, aprende, se disciplina, se condiciona e toda vez que isso acontece, as células do cérebro sofrem uma alteração e essa alteração irá refletir em nosso comportamento”. Logo, o corpo de Elísia era dotado de uma linguagem própria e mantinha todos os conflitos emocionais e frustrações impostas a ela desde sua infância. A forma que ela utilizava para manter contato com o ausente não era a linguagem falada, e sim, por meio da escrita, porém, de uma forma diferente. No caso de Elísia, a escrita se refletia no seu próprio corpo (por meio dos sucessivos episódios de automutilação), de modo que se reescrevia incansavelmente (outras feridas, outras crostas), bem como, nos processos sintomáticos que ela apresentava (catarro, enurese³), sem esquecer, obviamente, dos elementos lúdicos aos quais ela recorria na tentativa de estabelecer uma aproximação com o que lhe faltava.

É como se o processo de adoecimento atraísse toda a atenção necessária para saciar, de certa forma, sua carência física e emocional, atenção essa que, para Elísia não existiria se ela se apresentasse totalmente saudável. Nesse sentido, os atos de punição e de abandono estariam associados ao gozo. Sempre distraída durante seus prazeres e desejos, acreditava encontrar ali em meio a toda aquela pancadaria uma maneira de atrair a atenção de seus familiares para si; desejava ser enxergada, e buscava desesperadamente se encontrar no mundo. Quem sabe assim ela deixaria de ser apenas “um rebento no meio de seus irmãos” (LIMEIRA, 2003, p. 21)?

Essa atitude masoquista também está presente em outros contos da autora, como por exemplo, no conto “Relação Amarga” com a personagem Linaura. Um sujeito ficcional que não tem a mínima vontade de viver: “botou na cabeça que quer morrer aos poucos” (LIMEIRA, 2003, p.63). Uma personagem que é o retrato de várias mulheres que existem na vida real, amargurada, estressada, que sofre com o abuso sexual do próprio irmão.

³ Termo usado quando a criança apresenta uma emissão involuntária de urina, na maioria das vezes durante a noite, depois dos 5 (cinco) ou 6 (seis) anos de idade.

3ELÍSIA: Abandono, sexualidade e solidão

Com ênfase nos aportes teóricos selecionados, voltados para a teoria psicanalítica por Sigmund Freud, prosseguir-se-á com a análise da personagem Elísia, apontando as características que podem ser pensadas sob essa perspectiva. Sobre as neuroses, Freud em *A perda da realidade na Neurose e na Psicose* (1924) relata que “tanto a neurose quanto a psicose são, pois, expressão do id⁴ contra o mundo externo, de sua imposição” em ambos os casos tem-se como consequência a questão da perda da realidade, o que é exatamente o que acontece com a personagem em foco, Elísia.

Elísia “tinha prazer das excrescências” (LIMEIRA, 2003, pg.21), desta sorte, ela se encontra como um sujeito dilacerado, fora do mundo real. O conto limeiriano trata da história de uma menina que morava na Rua das Alamedas na Paraíba. Elísia é o nome dela. Uma criança pobre, gorda, cheia de feridas. Dentre 10 (dez) irmãos era a filha do meio.

O conto vai tecendo as dificuldades e carências da personagem: “Passava despercebida de carinhos, afagos, atenções, acostumou-se, assim, a pensar e fazer, brincar e sofrer, sozinha” (LIMEIRA, 2003, pg.21). A paraibana gorda não tinha com quem brincar, se divertir durante a infância, como uma criança normal, então, começa a criar ciclos ligando a dor ao prazer: “Divertia-se com feridas, descascando suas crostas, fazendo outras feridas, que por sua vez criavam outras crostas” (LIMEIRA, 2003, pg.21) viciando-se na solidão e entregando-se ao abandono total, se desenvolvendo, assim, como uma adolescente descuidada consigo mesma. A menina judiara muito de si desde muito cedo, descobriu seu sexo e as possibilidades de gozo inclusive na dor. Sobre a sexualidade na infância Foucault em *História da sexualidade* (1988) inicia sua argumentação apresentando como a família matrimonial impõe uma moral criada pela sociedade a fim de silenciar o sexo:

⁴*Id* – princípio do prazer (desejos, impulsos).

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interdita-lo, razão para proibi-las de falarem nele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples Lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. (p. 10)

Dentro dessa perspectiva apresentada por Foucault (1988), os indivíduos quando crianças não apresentam sexo, porém, pode-se notar, ao ler o conto, que Elísia tem sexo desde que nascera. Aqui, supõe-se então que talvez fosse esse o pensamento dos genitores da nossa personagem, uma vez que os mesmos preferiam “fechar os olhos e tapar os ouvidos” diante da situação de autodestruição e autopunição que Elísia se encontrava. O referido autor ainda, nesse momento, fala sobre a repressão que o sexo tem sofrido desde os tempos da moral vitoriana até hoje na sociedade moderna, que prefere tratar o sexo como segredo, pecado, vergonha ou algo que não se pode falar a respeito. Dôra Limeira deixa claro que Elísia é mais uma vítima dessa repressão: com “seu sexo de menina gorda”, tem negada pelas pessoas à sua volta não apenas a expressão da sua sexualidade, mas também, sua visibilidade enquanto um ser existencial, sedenta de atenção.

Com o desenrolar e intensificação dos ciclos de pancadaria, as figuras de afeto, com quem a personagem convivia, ao notar a situação em que ela se encontrava, decidem levá-la ao médico na tentativa de descobrir o que afligia a pequena Elísia: “Quem foi Elísia? Quem fez isso com você? [...] Como foi isso, Elísia?” (LIMEIRA, 2003, pg. 21). Somente quando Elísia se machuca, outros personagens surgem e a enxergam. A menina assustada nada falava se fazia de surda e novos ciclos eram criados, apenas o mistério continuava a reinar.

Elísia, entregando-se cada vez mais ao abandono, já não podia mais contar com a ajuda de seus gibis e heróis, desta feita a personagem mergulha de vez no poço do abandono sem qualquer possibilidade de retorno ao mundo real. Já contando com 56 (cinquenta e seis) anos, Elísia continua a criar seus ciclos só que agora em um Hospital Psiquiátrico, lá ela continua sendo a paciente do meio: “Ela é uma dentre as numerosas pacientes do pavilhão 5, nem das mais novas, nem das

mais antigas. Do meio. Despercebida, é livre para se imaginar, pensar e brincar” (LIMEIRA, 2003, p. 22).

Nota-se que ela tenta se reestruturar sobre o que lhe falta, o que lhe é ausente, por meio das suas imaginações, pensamentos e atividades lúdicas. Foi a forma que ela encontrou para lidar com a falta, na tentativa de preenchê-la ou de, ao menos, ressignificá-la.

Essa paraibana, filha do abandono, dormia e comia mal, tinha problemas causados pelas pancadarias frequentes. Enquanto todos dormiam, na madrugada, a menina era livre para brincar e refazer seus ciclos intermináveis. Dôra Limeira (2003) fala de uma personagem que só quando sentia suas dores conseguia ter consciência de si mesma. Dentro de um sistema onde a personagem não tem vínculos familiares presentes em sua infância, guardava seus sonhos e desejos em meio a sua solidão e em contraste com a dura realidade vivida pela menina.

De acordo com as perspectivas freudianas em *Totem e Tabu* (1913), nota-se que a sexualidade de Elísia, pode ser considerada como um tabu que foi quebrado pela própria personagem, um tabu, que segundo Freud (1913), visa à proteção de pessoas. No conto em questão, o tabu da personagem feminina é violado numa tentativa de suprir a sua carência sexual e familiar.

Esse aspecto da sexualidade é um tema bastante presente em toda a obra limeiriana. Quando se fala em gênero sexual logo se lembra do conto “@KCX&^<-:/?##****\$kf;[=-**^%\$#~!@#%^^&*()_”{:?>”, cujo tema principal é a sexualidade. A estória acontece numa sala de bate papo de um site de relacionamento. No conto, têm-se dois personagens *Gisell@mar* e *P@uGrosso*, no momento que os nicks (apelidos) que os eles usam para se comunicar são apresentados, é possível perceber algumas características dos perfis desses personagens. A figura feminina se apresenta como *Gisell@mar*, aderindo a seu nome Gisella o “amar”, que agrega a seu nick um aspecto mais sensível, representando toda sua insatisfação com o que lhe falta. A personagem não se sente completamente amada na vida real e procura suprir essa carência no meio virtual. O que também mostra a dificuldade que a mesma tinha em expressar seus prazeres.

Ao analisar o apelido do personagem masculino *P@uGrosso* é possível afirmar que o mesmo é escolhido pelo personagem na intenção de atrair, de certa forma, as mulheres e, ao mesmo tempo, demonstrar toda a sua masculinidade, virilidade, impondo sempre a figura do “machão”. O conto tem seu desenrolar nos

diálogos que ocorrem entre os dois no âmbito virtual. Ambos, apesar de serem idosos, se descrevem na conversa como jovens e em meio a seus diálogos iniciam uma relação sexual. O que confirma a presença desse aspecto da sexualidade nos escritos de Dôra Limeira.

Outro conto onde esse aspecto é bastante presente recebe o título de “Mão, antebraço, braço”. Nesse escrito a personagem Carolina em meio a toda a religiosidade da escola católica e da rigidez das freiras onde estudava se sente diferente de todos. Enquanto o corpo das freiras “exalava um odor de anjo”, Carolina pensava na impureza do seu corpo desumano, impureza essa que era causada pela masturbação exercida pela personagem.

Sabe-se que são várias as obras, autoras e expressões culturais que ficaram excluídas pelas pressões das relações de poder da cultura dominante patriarcalista do século XIX, provocando uma discriminação na literatura de autoria feminina. De acordo com Foucault (1988):

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. (pg. 12)

Nota-se então a questão da opressão, da proibição da escrita sobre o erotismo e o gênero sexual em si. Gênero é uma das categorias da diferença, tanto quanto raça e classe, nesse sentido, discutir essa temática dentro de uma visão literária, é também discutir diferença sexual, política, social e cultural. Dôra Limeira, através dos corpos de suas personagens faz uma denúncia à sociedade reinante, uma metáfora social, relatando em seus escritos um retrato da sociedade marginalizada que clama por dignidade e ainda é presa às correntes da lei que lhe é imposta, gerando a opressão do sexo feminino, corpos esses que são carregados de histórias reais e ficcionais e estão presentes, cada dia mais, no cotidiano das pessoas e que a sociedade, por muitas vezes, insiste em vendar os olhos para não enxergar a realidade dessas situações muito bem retratadas pela autora paraibana em seus escritos.

A busca pela libertação do corpo é uma das características que compõem esses escritos. Mulheres que, na maioria das vezes, ao se verem naquela situação recorrem à fantasia e ao lúdico para fugir dessa realidade cruel que lhe é imposta socialmente, como por exemplo, no quinto conto “*Crônicas de uma vendedora Avon*” onde a personagem cansada da realidade que se encontra, do marido que tem, cria através da fantasia um futuro maravilhoso, onde tem outro marido que ela sonha e não é mais apenas um fantoche da Avon, nesse futuro é totalmente feliz. Sobre essas situações vividas pelo indivíduo Bosi (1997) relata que:

Quanto à invenção temática, o conto tem exercido, ainda e sempre, o papel de lugar privilegiado em que se dizem situações exemplares vividas pelo homem contemporâneo. [...] o conto tende a cumprir-se na visada intensa de uma situação, real ou imaginária, para a qual convergem signos de pessoas e de ações e um discurso que os amarra. (p. 08)

Nesse sentido, é perceptível essa característica no conto “Arquitetura de um abandono”, pois o mesmo retrata a situação vivida por Elísia, trazendo a atenção para o abandono da personagem limeiriana que, de acordo com Silva (2010, p.140): “descuida-se do corpo, das normas sociais” entregando-se a completa solidão, embora mesmo dentro desse universo solitário não se prive do prazer pelas coisas do sexo. Elísia não sentia prazer entre corpos, todos os seus sentidos eram direcionados apenas à prática de seus ciclos dolorosos.

De acordo com os pressupostos teóricos sobre a Teoria do Apego (TA) pode-se perceber que o modo como a criança é tratada no decorrer do período da infância afetará seu desenvolvimento e influenciará nos seus traços de personalidade, bem como, na sua estruturação psíquica/emocional até a sua fase adulta:

A criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. Mais tarde, em sua vida, esse modelo internalizado permite à criança, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acreditar em si própria, torna-se independente e explorar sua liberdade. Desse modo, cada indivíduo forma um “projeto” interno a partir das primeiras experiências com as figuras de apego. (DALBEM, J.X; DELL’AGLIO, D.D, 2005, p. 15)

Dessa forma, os vínculos emocionais estabelecidos na infância serão como uma base para os futuros relacionamentos do indivíduo na fase adulta. No caso de Elísia, a falta dos vínculos, o que contribuiu bastante para a realização dos seus ciclos e conseqüentemente, ao abandono de si, a solidão. Elísia, acostumada com o abandono desde a sua infância por parte dos seus cuidadores, se torna uma adulta amargurada, sem muita ou quase nenhuma preocupação consigo mesma e com o que acontece ao seu redor, “podia se perder em pensamentos. Podia desmaiar e até morrer” (LIMEIRA, 2003, p. 21).

O mundo da personagem acaba ficando restrito, muitas vezes, apenas aos seus prazeres, feridas, gibis e cordéis. A adoração pelo Batman, Capitão Marvel e pelas suas bonecas remete à carência apresentada pela personagem, a resistência de um sujeito que procura atrair atenção de um mundo que lhe soa hostil.

Uma personagem que clama por ajuda, mas que não vê ninguém para ajudá-la além de seus super-heróis: “Capitão Marvel, me ajude” (LIMEIRA, 2003, p. 22). Entretanto, toda a fantasia criada por Elísia em torno de seus gibis não foi suficientemente capaz de criar estruturas que salvassem a menina desse poço sem fundo do abandono.

Outra personagem bem parecida com Elísia, que também gostava de brincar e se divertir com bonecas e gibis é Nina, do conto “Tenho Vergonha”, porém em uma característica Nina difere de Elísia. Enquanto a menina gorda não consegue, através de suas fantasias, se salvar do abandono, Nina apesar de sua atitude masoquista e de toda vergonha que apresentava, consegue utilizar o lúdico e a fantasia no enfrentamento à opressão e ao sofrimento vivido pela personagem; ela não se entrega ao abandono, nem se esquece do mundo, frequentava a escola e apesar de toda vergonha que sentia, Nina era feliz.

O tema da vergonha também está presente no conto “Minha rua” com a personagem Lícia, uma adolescente muito tímida. Essa timidez se dá pelo fato de o seu corpo está em transformação, mudanças normais para a idade de uma adolescente durante essa fase menina-mulher. Seus seios e corpo tomando formas mais femininas e, numa tentativa de esconder essas transformações, a personagem procura refúgio dentro de si mesma. O que para outras adolescentes da mesma idade seria motivo de felicidade, e de exibicionismo, para Lícia era motivo para querer desaparecer, quanto mais escondesse seu corpo em amadurecimento,

melhor seria, mais uma vez, ressaltando o olhar do Dôra Limeira sobre a subserviência da mulher ao aspecto repressor imposto por uma sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a personagem Elísia e apresentar a escrita de Dôra Limeira a partir das ideias do teórico psicanalista Sigmund Freud, bem como algumas considerações de Michel Foucault sobre o aspecto da sexualidade. Através das ideias de Freud, procurou-se destacar na personagem feminina traços neuróticos e masoquistas, como também sua relação com o mundo e a realidade.

É possível afirmar, então, que Elísia é um caso à parte e, diferente de todas as outras personagens, não consegue retornar ao mundo real, se perde no poço do abandono que ela mesma cavou junto com suas bonecas, e seus heróis Batman e Capitão Marvel. Elísia não consegue encontrar seu lugar no mundo real, pois é como se a mesma não pertencesse a ele. Para Elísia, o “seu mundo” é a única possibilidade que ela encontrou de dar conta da vida, lá ela pode brincar, se reinventar e mergulhar em seu abandono, desprezando o mundo que a desprezou e se entregando ao seu devaneio. Nesta perspectiva, nota-se nesse conto um intenso grito de socorro seguido de frustração e desistência, da vida, do mundo e de si mesma.

Enfim, o foco principal da análise foi demonstrar como é representado o caráter da personagem, através das relações estabelecidas com suas únicas conexões com o mundo real que eram seus gibis pancadarias e frustrações sofridas por esta.

Esses traços masoquistas e neuróticos desenvolvidos nas teorias de Sigmund Freud descrevem com propriedade as características do conto contemporâneo que se encontra marcado pelos conflitos vividos no cotidiano dos indivíduos, como retrata Bosi (1997). A autora paraibana ressalta todos os aspectos desse conto através da oralidade e de seu modo claro de narrar os fatos.

Constata-se então que Elísia, condenada por si mesma à solidão existente, tem seus traços determinados, pois a paraibana encarna todos esses traços através de suas pancadarias até se perder de vez no abandono.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. (São Paulo: Cultrix, 1997).
- DALBEM, J. X; DELL'AGLIO, D. D. **Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Volume XVIII, 1925.
- _____. **A perda da realidade na Neurose e na Psicose**. Volume. XIX, 1924.
- _____. **O futuro de uma ilusão**, 1978.
- _____. **Totem e tabu e outros trabalhos**. Volume XIII, 1913.
- _____. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Volume VII, 1901.
- LIMEIRA, Dôra. **Arquitetura de um abandono**. João Pessoa: Manufatura, 2003.
- SILVA, Antônio de Pádua Dias Da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão/** Antonio de Pádua Dias da Silva. – Campina Grande: EDUEPB, 2010.
- VIDAL, Eduardo A. **Masoquismo originário: ser de objeto e semblante**. Disponível em: <http://www.escolaletrafreudiana.com.br/UserFiles/110/File/artigos/letra1012/022.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2014.
- VOLPI, José Henrique. **Somatização: a memória emocional ancorada no corpo**. Curitiba: Centro Reichiano, 2004. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em 20 de março de 2014.

ANEXO**ARQUITETURA DE UM ABANDONO**

Rua das Alamedas, no. 54

Pradaria

Cidade Jardim/PB

Cep 580004 – 51

Ali morava Elísia, desde que nascera. De família numerosa, Elísia era um rebento no meio dos dez irmãos. Nem dos mais novos. Nem dos mais velhos. Sendo do meio, passava despercebida de carinhos, afagos, atenções. Acostumou-se, assim, a pensar e fazer, brincar e sofrer, sozinha. Podia comer muito ou deixar de comer. Podia desaparecer dentro do banheiro por horas. Podia se perder em pensamentos. Podia desmaiar e até morrer. Engordara muito. O corpo fazia dobras. Divertia-se com feridas, que por sua vez criavam outras crostas. Ela cultivava esse ciclo. E criava outros ciclos com que brincar. Feridas e bonecas, cordéis e gibis, dedos e sexo feridos de menina gorda. Viciara-se ao abandono dentro de si.

Tinha prazer das excrescências. Experimentava o gosto do catarro em todas as nuances. Conhecia o cheiro da urina nos seus detalhes. Distraía-se em sentir o pus escapando dos ouvidos, um odor de defunto passado do temo, os tímpanos estourados de pancadaria. Quem foi, Elísia? Quem fez isso com você, Elísia? Por que você deixou, Elísia? O sexo ferido se contraía, envergonhado, à mostra. Como foi isso, Elísia? Doutor verifique aqui essa menina! E o doutor a adentrava com os olhos: É encosto, é encosto, foi abuso. De volta para casa, nova pancadaria. Quem foi Elísia? Diga o nome. Por que você deixou? Diga o nome! Elísia emitia sons indefinidos, um rugido surdo e vago.

Novos ciclos eram criados para a mesma brincar de madrugada, todos dormindo. Outras feridas, outras crostas, outro pus, outro catarro, outra enurese, mais bonecas e outros gibis. Capitão Marvel, me ajude. Batman sobrevoava a menina aflita. Elísia se entregava ao abandono, sem Batman e sem Capitão

Marvel. Um dia, ela se aprofundou tanto na impiedade do poço que não retornou mais.

Elísia tem 56 anos e mora na Av. D. Pedro II, s/n, Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira. Ela é uma dentre as numerosas pacientes do pavilhão 5, nem nas mais novas, nem das mais antigas. Do meio. Despercebida, é livre para se imaginar, pensar e brincar.